

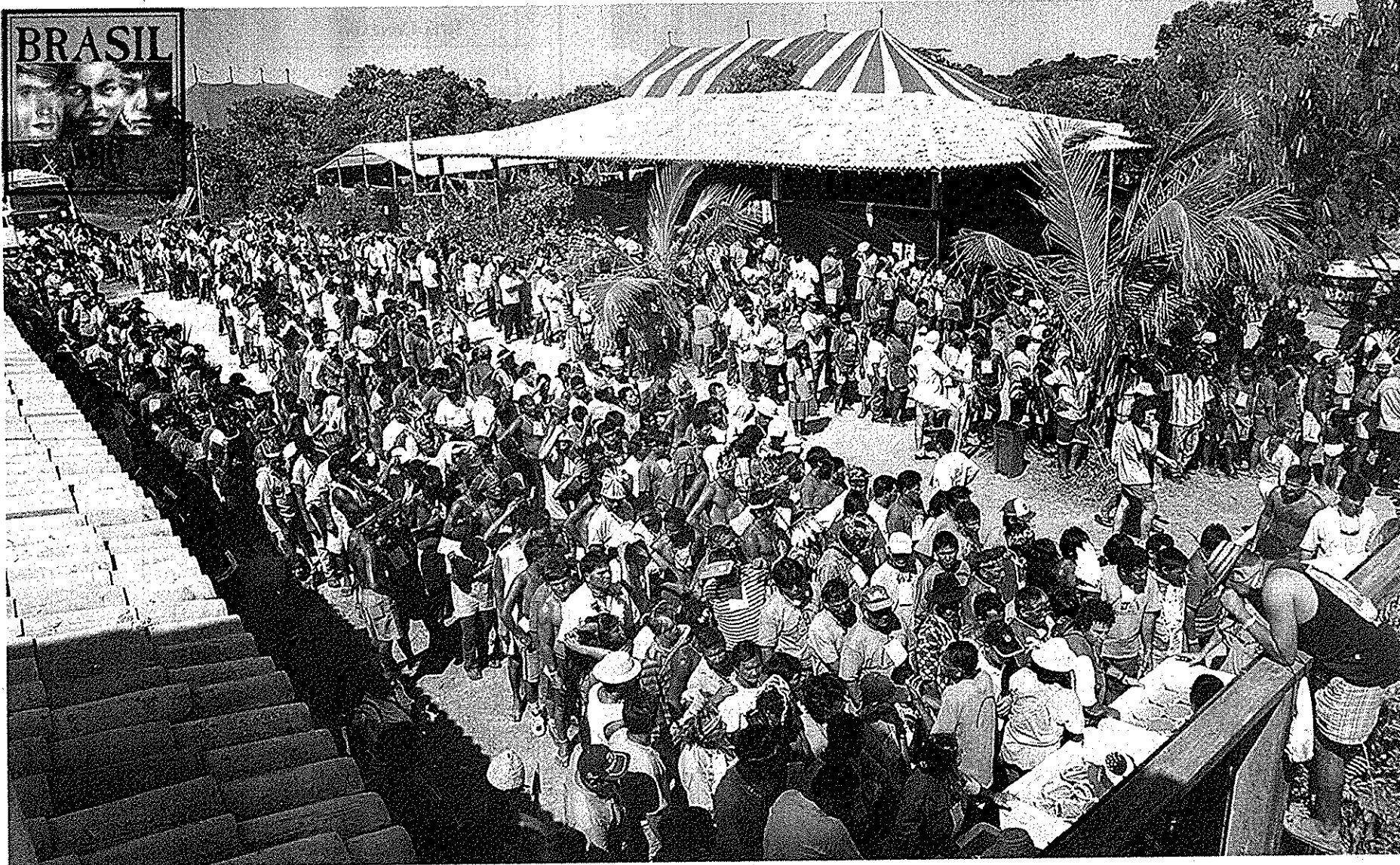
Conferência Indígena

# O evento mais brasileiro dos 500 anos

Diz a vereadora Liliâne de Andrade (PFL), de Porto Seguro, que o Brasil é um país de brancos, negros, índios, africanos, italianos, espanhóis, portugueses e outros, mas a festa oficial dos 500 anos limita-se a um "viva à navegação portuguesa". Se não é isso, é bem perto disso. O mais brasileiro dos eventos que acontecem no chamado "sítio do descobrimento" é a Conferência dos Povos Indígenas, que termina amanhã. Só dá índio (e turistas admirando-os), mas é um evento politicamente plural. Vê-se concentrado, num só ambiente, dos frágeis yanomamis dos confins da Amazônia, todos cercados de cuidados porque são muitos suscetíveis ao contágio de doenças, aos robustos guerreiros xavantes; dos alegres maxakalis - que não falam português, nunca viram o mar, mas tomam uns tragos de pinga para deleitar-se na praia -, ao índio advogado, índio prefeito, índio governista e índio opositorista. Em suma, é um Brasil que só agora está sendo descoberto pelos brasileiros.

LEVI VASCONCELOS

É natural que os mais de 200 povos indígenas, com a sua enorme diversidade cultural, tenham diferentes ideologias e diferentes formas de trabalhar e pensar. Aqui o que se está colocando em absoluto primeiro pla-



Em Coroa Vermelha, os índios dão uma aula de cidadania ao superar suas diferenças culturais no evento mais plural ora realizado na região de Porto Seguro

no é a cidadania". A fala, bem tallhada num português clássico, é do índio Orlando Baré, do povo baré, aldeia de Cucuí, Amazonas, ao responder à pergunta sobre a acusação feita por outros índios de que ele engrossa o time pró-governista. "Não sou governista. E nem teleguiado", rebate.

Quando batem, os adversários de Baré batem com cuidado. Sabem que não estão lidando com um tapado. Ele é formado em filosofia e faz pós-graduação em Geografia Agrária

pela Universidade Federal do Amazonas. Como ele, há índios advogados (pelo menos cinco estão na conferência), sociólogos e médicos que divergem entre si, mas recebem a solidariedade como povo de índios insuspeitíssimos, como o cacique xavante Benjamin, um dos escalados para o encontro com o presidente Fernando Henrique, às 16 horas de amanhã.

"Índio é gente"

"Estamos aqui para dizer

aos nossos parentes que a nossa maior riqueza é a nossa cultura, que não devemos nunca abrir mão disso. Mesmo os que perderam, devem renovar. Agora, índio deve estudar, sim. Deve estudar para um dia governar o Brasil. E isso ainda vai acontecer", fala Benjamin. Integrando o que seria o bloco da oposição, o índio Nailton Pataxó, de Pau Brasil, sintetiza tudo: "É preciso entender que índio é gente como outros povos. Tem índio bom, índio

ruim, índio sério, índio safado, índio tudo. Agora, o que não é justo é que nos matem só por sermos índios e estarmos lutando pelos nossos direitos. Aí não tem discussão. Temos é que nos unir e pronto". Eis a questão: pretender ver o índio pensando igual é sonho, mas a união é uma necessidade pregada por todos, pela elementar razão de que eles, independentemente da cultura ou da língua que falem, enfrentam problemas comuns, de

discriminação, falta de assistência e, na maioria dos casos, até de espaço para sobreviver. É isso que eles vão dizer amanhã ao presidente Fernando Henrique Cardoso. O Brasil tem 739 terras indígenas, 231 são devidamente registradas, 79 homologadas, 50 declaradas, 61 identificadas, 129 a identificar, 10 reservas domaniais e 179 sem nenhuma providência tomada. Sobre a necessidade de resolver tais problemas, só há consenso.

## Prefeitura dos Potiguara

O que aconteceria se algum dia um índio da gema governasse o Brasil? Segundo os índios, a salvação da própria pele. Alguns já tomaram o poder político convencional e estão muito satisfeitos. É o caso do povo Potiguara, do município de Bafa da Traição, na Paraíba. Sempre foram maioria na população de 13,6 mil habitantes (7,6 de índios) e sempre viveram desunidos. Em 1994 resolveram inverter e exigir dos não-índios que moram na reserva o voto na eleição de prefeito.

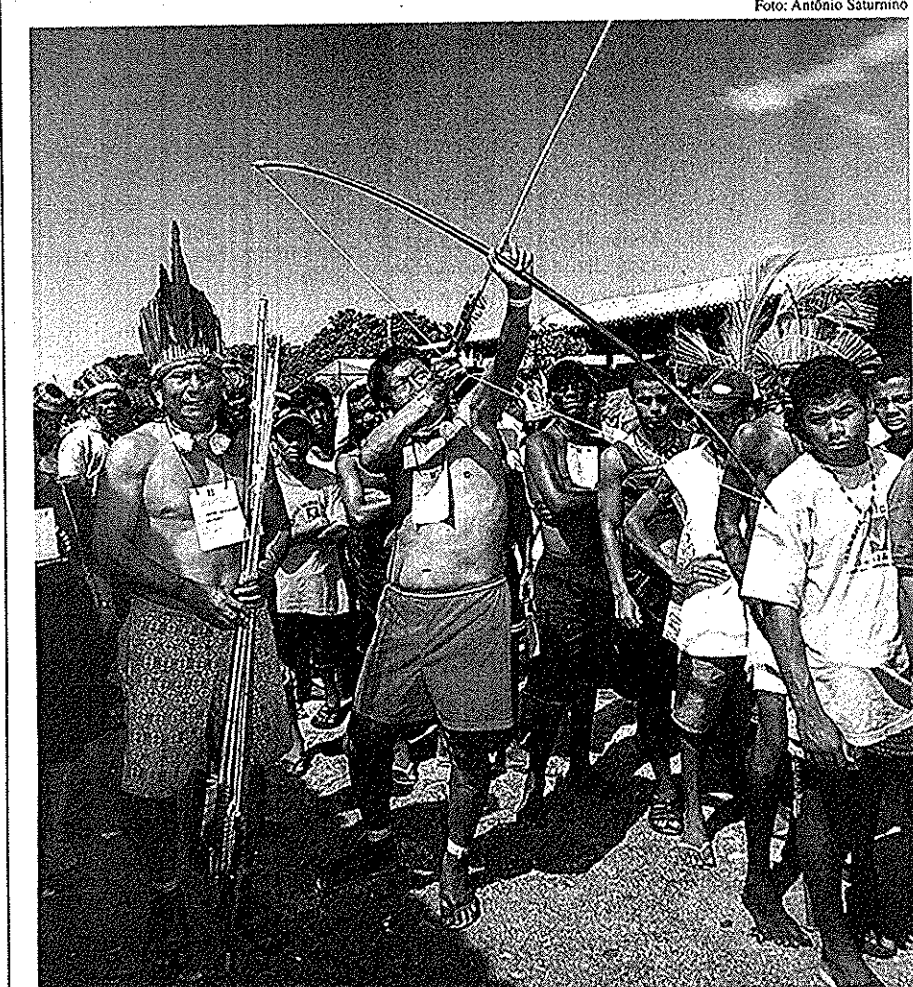
"Há muito tempo queremos separar índio de branco e dissemos aos brancos que ou eles votavam ou caíam fora mais rápido", diz o cacique Djalma Domingos da Silva. E assim elegeram a índia Nancy Casiano Soares prefeita, em 1998 elegeram o índio Marcos San-

tana dos Santos, que é favorito para reeleger-se este ano. "A ordem é a mesma, ou vota ou cai fora. Índio morria muito na estrada até João Pessoa em busca de socorro médico. Com os nossos prefeitos isso acabou e Deus vai nos ajudar a não permitir voltarmos à situação de antes".

O grande problema do povo Potiguara é a retomada de 14,6 mil hectares da reserva que o governo militar tirou em 1984 (a área que eles ocupam hoje é de 21.238 hectares), conforme o cacique expôs na Conferência. Com o apoio do prefeito, é claro, também presente ao encontro e pegando a fila da quentinha ao meio-dia como todos os outros. "Sendo prefeito ou não sendo prefeito eu sou índio e essa luta é do nosso povo", afirma o prefeito Marcos Santana (PMDB).



Há duas gestões, os Potiguara estão à frente da prefeitura da Baía da Traição, na Paraíba



Guerreiros xavantes vêm na união o caminho para fortalecer a causa indígena

## "O inimigo é poderoso demais", diz xavante

Os 12 mil xavantes que habitam 98 aldeias numa reserva de 280 mil hectares, no Mato Grosso do Sul, são um povo de características bem singulares e duas delas são facilmente notáveis: são robustos e extremamente disciplinados. Isso é visível nos 58 guerreiros que estão em Coroa Vermelha representando o conjunto. Só dão entrevistas ou tiram fotos com autorização do cacique Benjamin, 58 anos.

Até pouco mais de dez anos eles eram bastante arredios a participar de assembleias, mas nos últimos tempos estão indo a todas. A razão é simples: "É bom a gente aprender mais com os nossos parentes e também ensinar a eles que temos que nos unir, nos fortalecer, para conseguirmos sobreviver. Ou fazemos isso ou um dia acabaremos, porque o inimigo é poderoso demais", ensina o cacique Benjamin.

Além disso, os xavantes lutam pela ampliação da área da reserva e pedem ao governo mais assistência, principalmente na área médica. Aliás, uma das danças mais marcantes da cultura xavante é o daciçado, executada das 6 da manhã até as sete horas do dia seguinte, sempre que há alguma pessoa doente. "Nos últimos anos estamos dançando demais, porque há necessidade. É isso que vamos dizer ao presidente", assinalou Benjamin.

## Yanomami: fim dos garimpos

Os yanomami, povo que habita os confins da Amazônia, um total de 9,4 mil pessoas em 120 aldeias espalhadas num território de 9 milhões de hectares dos territórios do Amazonas e de Roraima, são muito pouco dados a participar de encontros e só saem do seu habitat natural em grupos reduzidíssimos. Em Coroa Vermelha, eles são apenas 13. Não que sejam agressivos, arredios a conversas ou coisas assim, muito pelo contrário, são até muito amistosos.

A questão é de mera defesa da raça, porque são muito sensíveis ao contágio de doenças viróticas de não-índios, o que para eles pode acabar em tragédia. Em Coroa Vermelha, o Conselho Indigenista Missionário (Cimi) cerca-os de cuidados para afastá-los o máximo possível de pessoas doentes. Aliás, mesmo dentro da reserva as doenças são os seus

maiores inimigos. Segundo o cacique Davi, nas aldeias situadas no lado mais próximo de Manaus, a população cresce, mas na região de Auaris, mais próxima da fronteira com a Venezuela, ocorre o inverso. O povo yanomami está sendo dizimado pela malária.

Com FHC

"A ONG Urihi Saúde Yanomami nos dá uma grande ajuda, mas precisamos de muito mais enfermeiras, médicos e remédios", afirma o cacique. Amanhã, no encontro com o presidente Fernando Henrique, ele espera ter condições de relatar detalhadamente a situação e também pedir a expulsão de dois mil garimpeiros que trabalham clandestinamente na reserva. "Não queremos mineração, nem de garimpeiro, nem de empresas. Isso é muito ruim para o povo yanomami", sintetiza.